



Fotos: Ed Alves/CB/D.A Press



Heloá acredita estar mais focada desde a proibição



Alunos de escola na Asa Norte deixam celulares em caixinha

O primeiro passo foi um projeto piloto envolvendo alunos dos sextos e sétimos anos e, depois que se provou eficaz, foi expandido para todos os anos desde o sexto ano do ensino fundamental até o terceiro do ensino médio. Os pais e responsáveis dos alunos também participaram da discussão sobre a medida, decidindo pela implementação.

Segundo Luiz Gustavo Mendes, diretor-geral da instituição, a ideia da medida é melhorar o foco dos alunos. “Dentro da sala de aula, os alunos não têm mais contato com o celular porque só o fato de o celular estar próximo pode tirar a concentração do estudante”, explica. Ele acrescenta que estudos comprovam que o uso do celular pode desconcentrar o estudante e que o tempo para recuperar a concentração é de 23 minutos. “Se a aula é de

50 minutos, até que ele retome o nível de concentração, o aluno perde a aula”.

O diretor frisa ainda que a restrição do uso dos aparelhos não significa o abandono de aparelhos tecnológicos na instituição. “É muito importante para a formação dos estudantes o uso da tecnologia para fins pedagógicos. Nós não estamos tirando a tecnologia da sala de aula e sim limitando o uso do celular.”

Boa recepção

De acordo com Luiz, os alunos receberam bem a nova prática da escola, no geral. “No primeiro momento, houve uma estranheza e começamos com a caixinha de forma voluntária, mas na hora que foi obrigatório, todos foram seguindo. Em quase um ano de projeto, nós tivemos uma ou duas situações

de transtorno pequeno, então foi bem aceito por todos os estudantes”, lembrou o educador.

Para o professor Rômulo Dumell, que leciona geografia na unidade, a medida fez com que os próprios estudantes percebessem que a restrição pode otimizar a concentração na aula. “A gente tem percebido ao longo do processo que os alunos vêm se conscientizando e percebendo o quanto é positivo para a aprendizagem, principalmente para os estudantes do terceiro ano, que estão em uma caminhada de vestibular, Enem e PAS”, destacou o professor.

Heloá Mendes, de 17 anos, é aluna do terceiro ano do ensino médio e quer estudar medicina veterinária na universidade. Ela revela que, a princípio, ela e os colegas precisaram se acostumar com a ideia, mas que vê, hoje, que a medida se tornou uma experiência boa.

“Pelo menos, para mim, melhorou muito o meu desempenho, não tinha nem a opção de me distrair com esse eletrônico porque ele estava guardado, então o desempenho melhorou, o foco nas aulas melhorou também, porque querendo ou não tinha mais essa distração”, destacou a estudante.

Aliada

A secretária de Educação do Distrito Federal (SEE-DF), Hélvia Paranaguá, reforça a importância do uso consciente e orientado do celular como ferramenta pedagógica nas salas de aula e destaca que os aparelhos podem se tornar um recurso valioso no enriquecimento do processo de ensino e aprendizagem, já que promove práticas interativas e acessíveis.

“Contudo, é essencial lembrar que o uso desses dispositivos

sem a supervisão adequada do professor é proibido, garantindo, assim, um ambiente educacional focado e produtivo. A tecnologia, quando bem direcionada, potencializa o interesse dos alunos e facilita o acesso a materiais de qualidade, sem substituir o papel insubstituível do professor e do livro didático”, destacou.

O uso da tecnologia, inclusive, é uma das competências listadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que norteia a educação básica no país, e segundo o texto, os alunos devem “compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Luísa Mel Barreto, de 17 anos, também está entre os alunos que participam do Projeto Mente Presente. Ela conta que, apesar de ter sido um pouco assustador no começo, os alunos perceberam, no processo, que a medida foi fundamental para prestarem mais atenção nas aulas. “A nossa geração é muito conectada na tecnologia, então foi uma forma de conseguir prestar mais atenção nas aulas e também para a gente poder socializar mesmo como turma e como sala de aula”, destacou.

A mãe da estudante, Clécia Barreto, 46, destaca que, depois da restrição dos aparelhos, ela percebeu mudanças no comportamento da filha em relação ao uso da tecnologia, inclusive em casa. “Houve uma influência em casa e ocorreu essa movimentação diferente dela, e acho que foi reflexo do que foi ensinado e combinado em sala de aula e acabou vindo pra casa também, porque ela está mais sociável em casa, fica menos dentro do quarto, menos em frente às telas e tem mais convivência”, frisa.